



Susana Mendez  
faz fila com as  
companheiras  
de equipe antes  
de saírem para  
o trabalho.

# Renascendo das cinzas

Enquanto combatem incêndios na Califórnia, jovens delinqüentes estão testando seus limites – e semeando novas esperanças | POR KENNETH MILLER

**A**SSIM COMO muitas casas em Los Angeles, as mansões de concreto e vidro de Mandeville Canyon são vulneráveis aos incêndios florestais. Em uma fria manhã de janeiro, um grupo de jovens que cumprem pena numa instituição correcional próxima realiza uma manutenção preventiva ao longo de uma encosta coberta de vegetação cerrada. Usando capacetes laranja e camisas cáqui, dois integrantes do grupo desbastam o matagal com motosserras enquanto outros 12 transportam para o fundo do cânion galhos e ramos cortados. O objetivo é abrir

uma clareira entre as mansões nos morros e a vegetação abaixo, passível de pegar fogo.

Em todo o país, grupos de internos prestam serviço semelhante em suas comunidades. Mas essa equipe é diferente. Quando um guarda grita “Curtis, dê uma parada!”, esse integrante, que opera uma das motosserras, usando as mãos e os pés, escala a encosta. O capacete é retirado, e Curtis, 19 anos, solta os cabelos em tranças, clareados nas pontas. Os óculos de proteção são retirados, revelando os grandes olhos castanhos realçados por sobrancelhas bem-feitas. Livres das pesadas luvas, brilham unhas pintadas

de esmalte cor-de-rosa. Da mochila sai um buquê de verbena-cidrada. “Quer cheirar?”, oferece educadamente, para logo mergulhar o rosto nas flores.

Crystal Curtis faz parte do único programa de combate a incêndios dos Estados Unidos para jovens infratoras. As integrantes da Brigada 6, situada em Camarillo, Califórnia, têm entre 18 e 23 anos, mas quase todas já cometeram crimes – incluindo roubo de carro, seqüestro e assalto à mão armada. Crystal está presa por homicídio culposo. “Antes de vir para o programa”, diz ela, “eu era muito egoísta. Não assumia responsabilidade pelo que acontecia.”

Agora, ela passa os dias protegendo casas e parques, e as noites nas aulas da faculdade. Durante a temporada de incêndios, ela luta contra o fogo ao lado de bombeiros experientes do Departamento Florestal da Califórnia (DFC).

A Brigada 6 estava na linha de frente do monstruoso inferno de Moorpark no fim de setembro de 2005, limpando terrenos para conter o fogo e arrasando mangueiras.

Em janeiro de 2005, quando um deslizamento de lama soterrou a comunidade de La Conchita, matando dez pessoas, a equipe ajudou a cavar quase dez metros através de uma pilha de destroços, em uma infrutífera busca por sobreviventes. “Elas vêm fazendo um ótimo trabalho”, diz Scott Hughes, guarda do Serviço de Conservação das Montanhas da Califórnia. “Estão salvando casas... Salvando vidas.”

Mas a maior missão do programa é salvar meninas como Crystal Curtis.



**Crystal Curtis (acima e ao lado, abrindo uma clareira num incêndio) cumpre pena por homicídio culposo.**

FILHA DE VICIADOS em anfetaminas (ambos agora em recuperação) que se divorciaram quando tinha 4 anos, Crystal cresceu sob a tutela de uma tia. Saía-se bem nos estudos, mas só quando se dedicava – foi incluída na lista dos melhores alunos, participou da equipe de animadoras de torcidas, entrou para o grupo de teatro da escola. Aos 14 anos, porém, quando a mãe também foi morar na casa da tia, Crystal começou a se revoltar. Faltava às aulas e ficava na rua até tarde, sem respeitar o horário de voltar para casa. Embora insistisse que odiava bebidas alcoólicas e drogas, passou a conviver com jovens que faziam uso dessas substâncias. Foi pega em flagrante dentro do carro que um colega roubara, mas conseguiu liberdade condicional. Em maio de 2003, pouco antes do seu 17º aniversário, fugiu de casa.



Passou meses morando com amigos. Em setembro daquele ano, foi de carro com um deles a uma festa perto de Palm Springs; na manhã seguinte, seu companheiro estava bêbado demais para dirigir, então Crystal assumiu o volante. Ela já havia percorrido um longo trajeto, quando o colega, no banco do carona, gritou seu nome e Crystal acordou a tempo de ver que tinha entrado na pista da contramão. Então freou, fazendo o carro derrapar e atingir uma motocicleta. Ela e o amigo não se feriram. Crystal então ligou para a polícia e depois se escondeu.

No dia seguinte, quando telefonou para o pai, soube que um dos ocupantes da motocicleta – uma jovem – tinha morrido. Seguindo as recomendações dos pais, Crystal se entregou e acabou condenada a três anos de reclusão na Instituição Correccional de

Jovens Infratoras de Ventura, para onde são levadas as adolescentes da Califórnia.

AS MULHERES correspondem a apenas 16% da população juvenil em casas de correção nos Estados Unidos, mas, por causa de uma variedade de fatores – drogas, gangues, uma mudança da posição das mulheres na sociedade –, esse número vem aumentando rapidamente. Especialistas dizem que os problemas delas diferem dos de seus colegas. Orientá-las para uma vida produtiva requer estratégias distintas. Mas poucos programas correccionais foram projetados para ajudar a reabilitar moças.

A Brigada 6, fundada em 1990, é um deles. Para poder fazer parte da brigada de incêndio, a interna precisa ter um índice de bom comportamento, sem tentativas de fuga. Ela deve passar



**Depois de cumprir pena, Samantha Nguyen conseguiu um emprego no Departamento Florestal da Califórnia.**

por um teste de aptidão física e fazer um curso de 64 horas de duração sobre segurança e extinção de incêndios.

A brigada ocupa uma ala de um chalé de tijolos, numa área arborizada cercada por grades e arames espiralados com lâminas cortantes. Cada interna ocupa, sozinha ou com uma colega, uma cela de 1,80 m por 2,5 m. Quase todos os dias, as bombeiras fazem fila para inspeção às 7 horas e, às 8h30, já estão na *van* do DFC, a caminho do trabalho – supervisionadas por guardas desarmados e por um comandante – em terrenos públicos dos con-

dados de Ventura e Los Angeles. Às 17 horas, estão de volta atrás dos portões. Depois do jantar, as jovens assistem a aulas e fazem terapia – põem-se no lugar da vítima, recebem aconselhamento contra drogas, aprendem a administrar a própria raiva.

As integrantes da brigada ganham um dólar por dia (ou um dólar por hora, durante o trabalho como bombeiras) e têm permissão de receber pacotes de encomendas e mantimentos extras. Elas podem obter reduções de pena com maior rapidez do que outras internas. Mas, para muitas, o aspecto não-material é que conta. “Em meu primeiro incêndio, as pessoas ficavam sorrindo para nós e aplaudindo”, diz Elvia Esquive, 19 anos, que cumpre pena por roubo. “Não me sinto tão vazia quanto antes.”

Os administradores do programa dizem que a taxa de reincidência (a proporção de jovens internas que mais tarde volta a cometer crimes) é de impressionantes 10%, consideravelmente mais baixa do que os estimados 91% que predominam em todos os outros locais do sistema correcional juvenil do Estado. Ex-internas ligam para contar sobre seus novos empregos como enfermeiras, funcionárias de instituições financeiras, recepcionistas de restaurantes e esteticistas. E algumas continuam no ramo e se tornam bombeiras profissionais.

“Muitas dessas meninas jamais tiveram um emprego”, diz Jeffrey Scarberry, agente de liberdade condicional da brigada. “Muitas são de cidades da periferia. Você pode vê-las desenvol-

vendo hábitos de trabalho. Ficam ansiosas para acordar e começar o dia.” Algumas voltam a seus bairros de origem e ao antigo modo de vida. Mas, para as que desejam mudar, a Brigada 6 dá as ferramentas da transformação.

SAMANTHA NGUYEN pode comprovar isso. Nascida no Vietnã, dentre oito irmãos, passou seus primeiros anos em um campo de refugiados indonésios antes de se instalar com a família em um bairro operário de San Jose, Califórnia. Seus pais, muito trabalhadores, viviam ocupadíssimos, e Samantha começou a andar com uma gangue – e a freqüentar os juizados de menores – aos 13 anos de idade. Aos 16, já estava viciada em *crack*. Mas aos 17, quando foi enviada para Ventura por ter dirigido o carro em um roubo com seqüestro, precisava desesperadamente de uma nova chance. “Eu estava despedaçada e infeliz”, conta. “Ver minha mãe chorando no juizado me fez sentir pior do que jamais me sentira.”

Foi então que Samantha pôs suas esperanças na Brigada 6. “Eu sempre arriscara minha vida por algo ruim”, diz. “Queria fazer o mesmo por algo bom.” O programa impõe um período de espera àquelas que cometeram crimes violentos; por isso levou três anos para Samantha se qualificar. Enquanto isso, a morena de sorriso largo obteve o certificado de conclusão do ensino médio e o diploma dos dois primeiros anos da faculdade, freqüentou o treinamento de salva-vidas e foi voluntária para os trabalhos do lugar. No início de 2002, finalmente foi aceita.

Samantha logo começou a combater incêndios na mata, mas foi outra operação que revelou sua vocação. Certa manhã, a equipe voltava de um exercício quando um grupo de excursionistas pediu socorro: acima, na trilha, dois alunos com problemas mentais tinham caído de um penhasco, e sua professora se ferira ao tentar salvá-los. Samantha foi um dos dois integrantes da equipe a descer metade do precipício até a saliência onde, sangrando na cabeça, estava a professora. Ela manteve a mulher consciente até que suas colegas pudessem descer uma prancha e içá-la com segurança.

O incidente mexeu muito com Samantha. “Pensei: *Puxa, estou fazendo algo certo pela primeira vez.*” E esse pensamento a guiou a uma meta de longo prazo. No ano seguinte, depois de cumprir sua pena, passou meses concluindo o treinamento dos bombeiros e conseguiu um emprego no departamento florestal estadual.

Hoje Samantha combate incêndios metade do ano. A cada Natal, volta para dar uma palestra no jantar de premiação da Brigada 6. “Agarrem as oportunidades que tiverem”, diz às internas. “Se puderem fazer isso, poderão realizar o que quer que seja.”

**E**SSA MENSAGEM fez sentido para Crystal Curtis que, segundo afirma, quando chegou a Ventura estava em um estado de negação egocêntrica. *Por que isso tinha de acontecer comigo?*, ela se perguntava. Foram as canções natalinas na festa das internas

que derrubaram suas defesas. Ela correu para o banheiro e chorou de modo incontrolável. Na manhã seguinte, acordou consciente de que uma pessoa tinha morrido por causa do que ela fizera.

Crystal começou a buscar um meio de sair do abismo. “O que eu sabia fazer melhor era fugir dos meus problemas”, admite. Agora ela os enfrentaria. Atirou-se às sessões de aconselhamento, revivendo o acidente repetidas vezes, na tentativa de compreender a dor das vítimas. E se concentrou nos estudos; passou a trabalhar com afinco para obter o certificado de conclusão do ensino médio. Assim, em 2004, em reconhecimento por seus esforços, Crystal foi aceita na Brigada 6.

**N**A EQUIPE da brigada de incêndio há uma hierarquia: no alto está a chefe, que supervisiona a equipe. Depois vêm as serradoras com as motosserras, seguidas pelas extratoras, que limpam as moitas cortadas e carregam as latas de combustível. No fim, estão os pelotões que controlam as ferramentas de corte (enxadas e machados, para desenterrar troncos e tocos) e de limpeza (rastelos, para limpar galhos, ramos e destroços).

Mas a Brigada 6 também ensina as internas a lidar com mudanças. Quando

os freqüentes desastres naturais da Califórnia acontecem, o horário regular da equipe não é obedecido: um turno de combate ao fogo pode durar 48 horas. E a hierarquia é na verdade baseada em mérito.

Crystal Curtis começou como extratora. Seu primeiro trabalho importante foi no Parque Nacional de Yosemite, onde ajudou a combater um incêndio numa área de 24 quilômetros quadrados; a fumaça cegava e às vezes os galhos que caíam a derrubavam. “Pensei: *Tudo o que quero é desistir... Isso é difícil demais!*” Mas Crystal continuou e, quando o incêndio foi controlado, sentou-se num tronco e se maravilhou: “Conseguimos!”

Ela foi promovida a serradora. Carregou seu equipamento para o alto de morros que pareciam inalcançáveis e, ao subir por matas fechadas infestadas de aranhas, venceu sua velha fobia. Então, se ofereceu para falar em escolas locais sobre os perigos da delinqüência.

E, apesar do terrível passado, começou a acreditar que talvez pudesse ter um futuro.

Embora, profissionalmente, Crystal ainda não esteja certa do que quer ser, hoje ela tem um novo conjunto de prioridades. “Desejo fazer coisas positivas para outras pessoas”, afirma. “Quero ser boa por dentro.”

## DEFINIÇÃO DE ESPOSA

Esposa é aquela pessoa amiga e companheira, que está sempre ali, ao seu lado, para ajudá-lo a resolver os grandes problemas que você não teria se fosse solteiro.

LAURO GARCIA DO AMARAL NETO, Maringá (PR)